

GÊNERO, CORPO, RAÇA E DIÁSPORA EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA N. ADICHIE

GENDER, BODY, RACE AND DIASPORA IN *AMERICANAH*, BY CHIMAMANDA N. ADICHIE

Resumo

Americanah (2014), terceiro romance da escritora nigeriana Chimamanda N. Adichie, apresenta a trajetória de duas personagens cujas experiências diaspóricas modelam um novo *eu* que se mostra quando do retorno de ambas ao país de origem. Na narrativa, encontramos nuances das discussões de gênero, correntes na escrita de mulheres ocidentais e também orientais, onde estão postos questionamentos acerca das expectativas sociais sobre as mulheres, bem como sub-textos no enredo, que apresentam o corpo como canal central a partir do qual as personagens experienciam a diáspora. O corpo, gendrado e racializado na experiência transnacional, é o meio por onde as personagens constroem novas subjetividades. No presente artigo, com enfoque na protagonista Ifemelu e no seu exercício da escrita sobre a experiência diaspórica, olhamos para as formas em que o gênero, o corpo e a raça se apresentam interseccionados na vivência da protagonista e nas reflexões que traz no seu *blog*. As visões e posturas que surgem dos corpos que vivem a diáspora no romance em tela, apresentam novas formas de olhar para o país desenvolvido: com questionamentos, curiosidade e olhar crítico, o que também forma o sujeito que vive o espaço transnacional e retorna.

Palavras-chave: Diáspora. Corpo. Corpo gendrado. Experiência transnacional. Raça.

Abstract

Americanah (2014), third novel by Nigerian writer Chimamanda N. Adichie, presents the trajectory of two characters whose diasporic experiences shape a new *self* who comes about when the characters are back to their home country. In the narrative, we find nuances of the discussions on gender, currently present in the writing by Western women, as well as Eastern women, where questions about social expectations over women are raised. This work also encompasses sub-narratives in which the body is portrayed as a channel through which the subjects experience the diaspora. The body, gendered and racialized in the transnational experience, is a portal for characters to shape new subjectivities. In the present article, we focus on the protagonist Ifemelu and her exercise of writing about the diasporic experience, and we look at ways in which gender, body and race are presented in intersecting ways in the life of the protagonist and her writings on her blog. The visions and postures which emerge from these bodies experiencing the diaspora, introduce new ways in which to look at a developed nation: raising questions, presenting curiosity and a critical perception, elements which also form the subject who lives in the transnational space and returns home.

Keywords: Diaspora. Body. Gendered body. Transnational experience. Race.

Não é fácil conversar sobre a questão de gênero. As pessoas se sentem desconfortáveis, às vezes até irritadas. Nem homens nem mulheres gostam de falar sobre o assunto, contornam rapidamente o problema. Porque a ideia de mudar o *status quo* é sempre penosa.

CHIMAMANDA N. ADICHIE, “Sejamos todos feministas”.

*Americanah*¹ é o texto narrativo sobre o qual fixamos o nosso olhar para a presente proposta de discussão das relações entre gênero, corpo, raça e diáspora. Nessa narrativa, somos apresentados a duas personagens centrais: a protagonista Ifemelu e Obinze (seu namorado nigeriano) que enxergam no estrangeiro uma possibilidade de se desconectar de sua cultura natal e de avançar acadêmica, profissional e culturalmente.

No caso de Ifemelu, o que a impulsiona a ir estudar nos Estados Unidos é a bolsa que consegue na Princeton University, as oportunidades de estabilidade nos estudos e a praticidade de instalação no país, uma vez que viveria com sua tia Uju, que já havia deixado a Nigéria em busca de novas oportunidades. Quando deixa o país, Ifemelu também deixa o relacionamento com Obinze em aberto. Por causa de uma traumática experiência corpórea que vivencia no espaço diaspórico, Ifemelu aos poucos opta por não continuar mantendo contato com Obinze. Uma vez “desligada” de seu relacionamento anterior, ela se relaciona com outros homens, enquanto Obinze, algum tempo depois da partida dela, parte para Londres, onde também projeta uma nova vida, percebendo-se distante de seu passado, antes tão ligado à protagonista Ifemelu.

A experiência vivenciada por Obinze não é nem um pouco agradável: ele é descoberto como imigrante ilegal enquanto tenta oficializar uma união com uma estrangeira a fim de regularizar sua situação de imigrante em Londres, terminando por ser deportado de volta para Lagos. Ifemelu, por outro lado, após um primeiro momento de constrangimentos, deslocamento e falta de dinheiro no novo território estadunidense, passa a viver oportunidades de ascensão profissional com o *blog* que começa a escrever anonimamente e que eventualmente faz com que ela se torne conhecida no meio dos jovens

e estudantes universitários nos EUA. No *blog*, Ifemelu trata de suas inquietações nas terras estadunidenses e das descobertas com as quais vem se deparando em relação à raça naquele espaço. Ela se descobre negra nos EUA e passa a compreender que sua raça, ali, tem implicações diversas, que não correspondem ao que havia vivenciado até aquele momento em seu país de origem.

No presente artigo, tencionamos discutir a vivência de Ifemelu no contexto diaspórico, a partir de um foco mais interessado em como os corpos migrantes se apresentam e são percebidos. Algumas sub-narrativas se desenvolvem ao longo da grande narrativa de Ifemelu buscando se estabelecer e se instalar no novo país. Essas pequenas narrativas dialogam com a forma pela qual Ifemelu sente a experiência diaspórica através do seu corpo: trata-se principalmente do relacionamento que passa a desenvolver com sua pele negra, a vivência com o seu cabelo também negro e o choque frente à percepção de como seu corpo é interpretado a partir de algumas construções sociais no espaço transnacional: aquelas que dizem respeito ao corpo da mulher negra, imigrante, terceiro-mundista e financeiramente vulnerável no país que a “acolhe”.

O Corpo na Diáspora

Sandra Almeida (2015) aponta que o corpo diaspórico é uma categoria muito relevante para se pensar as questões da diáspora em narrativas que exploram essa temática; principalmente o corpo feminino, que costuma ser culturalmente relacionado às questões de lar e de pátria. De acordo com Almeida, as narrativas da diáspora “elaboram um discurso de resistência por meio do corpo e da escrita e também da escrita desse corpo gendrado e diaspórico” (p. 96). Almeida ainda adiciona a subcategoria *corpo diaspórico abjeto* como recorrente em narrativas diaspóricas. Ele

pode ser definido como um corpo que se localiza na fronteira, entre espaços de pertencimento. É um corpo, pois, que desafia a constituição da subjetividade, que ameaça a fixidez e a unidade de identidade, uma vez que se encontra em um interstício, em um entre-lugar do desejo, da atração, mas também da repulsa e da negação. (ALMEIDA, 2015, p. 103).

¹ Terceiro romance da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, de 2013.

Entendemos e nos aproximamos do corpo de Ifemelu, então, por tais linhas: trata-se de um corpo gendrado na experiência diaspórica que está relacionado à noção de lar, ao mesmo tempo em que é abjeto no sentido de se encontrar deslocado, isto é, de ser, ao mesmo tempo, objeto de desejo e repulsa. Há um evento no enredo de Adichie, que ilustra sensivelmente esse entre-lugar do corpo, onde o conflito com o próprio corpo se configura de tal forma que determina o isolamento de Ifemelu, consequência de um trauma de sua experiência corpórea.

Logo no início de sua estadia nos Estados Unidos, Ifemelu enfrenta sérias dificuldades financeiras que ameaçam sua permanência no exterior, resultado dos poucos recursos de que dispõe para manter-se em solo estadunidense. Naquele contexto e momento, ela ainda não tinha provisão monetária regular e vinha de uma série de entrevistas de emprego fracassadas. Precisava custear sua vida de alguma forma e, principalmente, pagar o aluguel do apartamento que dividia com outras universitárias em Princeton para não ser despejada do local.

Depois de muitas tentativas frustradas em busca por emprego, Ifemelu considera ligar para um número de telefone que encontrara num anúncio de jornal – de um homem que buscava uma “assistente pessoal mulher” (ADICHIE, 2014, p. 157) – o que lhe parecia, no mínimo, suspeito: esse homem era um professor de tênis de Ardmore que, segundo o anúncio, era muito ocupado. Ifemelu vai até sua casa, percebe que ele, na verdade, quer massagens, e decide pensar sobre o assunto, retornando logo para seu apartamento. Quando se vê, dias mais tarde, absolutamente impossibilitada de pagar o aluguel, retorna à casa desse sujeito e tenta ser prática quanto ao trabalho, pensando nos 100 dólares que receberia. Uma vez lá, no entanto, tem uma reação brusca:

Era melhor ir embora. O equilíbrio de forças pendia para o lado dele, desde o instante que entrara na casa. Era melhor ir embora. Ifemelu ficou de pé. “Não vou conseguir fazer sexo”, disse ela. Sua voz pareceu aguda, insegura. “Não vou conseguir fazer sexo com você”, repetiu. “Ah, não. Eu não espero que faça”, disse o homem depressa demais. (...) “Venha para cá e se deite”, disse ele. “Venha me esquentar. Vou tocar um pouco você, mas não vai ser nada que te deixe constrangida. Só preciso de um pouco de contato humano para relaxar” (ADICHIE, 2014, p. 168).

Naquela situação, Ifemelu conclui que, já que havia adentrado a casa do homem, deveria terminar o que viera fazer, pegar o dinheiro de que tanto precisava e nunca mais voltar. É o que faz, saindo da casa o mais rápido que pode. Sente-se mal pela intimidade imposta e exposta; cheia de dúvidas e culpa e chora ao longo do caminho de volta para casa. Ao chegar, tenta desabafar com sua tia Uju, sem sucesso, e logo depois, ouve uma mensagem de Obinze, seu namorado nigeriano, na secretária eletrônica. Aquele acaba por ser o momento a partir do qual ela decide cortar a comunicação com ele por longos anos, influenciada pela forma desconcertada como se sente após o ocorrido na casa do professor de tênis: Ifemelu sente um misto de arrependimento e impureza. Sua relação com seu corpo configura-se, a partir dessa sensação, uma subjetividade diaspórica em recente construção, encontra-se num entre-lugar onde não há pertencimento e daí vem a decisão de preferir cortar laços com o antigo namorado e isolar-se por uns tempos.

Aqui também consideramos a afirmação de Almeida - de que principalmente o corpo feminino nos fala da experiência diaspórica mais recente em termos históricos. A forma como esse corpo nos fala adiciona à nossa compreensão da situação diaspórica por via de sua configuração gendrada, isto é, marcada pelas questões de gênero (2015, p. 18). No caso de Ifemelu, sua raça e seu corpo são camadas de subjetividade que estão *interseccionadas* na experiência diaspórica.

A professora, ativista e escritora Kimberlê Crenshaw² lança mão do termo *interseccionalidade* afirmando tratar-se de um conceito provisório, não totalizante. Crenshaw entende que as experiências de mulheres negras “são frequentemente o produto de padrões interseccionais de racismo e sexismo”³ (2005, p. 533, tradução nossa). Ela ainda considera a classe como também sendo uma condição determinante nas experiências das mulheres negras, especialmente no que tange a violência doméstica.

O estudo de Crenshaw enfoca a situação legal das mulheres na diáspora. Ela aponta, por exemplo, que as mulheres negras e pobres ficam desassistidas pelo estado

2 Todas as traduções de textos originalmente escritos em língua inglesa são de responsabilidade da autora do presente artigo.

3 are frequently the product of intersecting patterns of racism and sexism

e por suas comunidades quando se encontram em situação de violência doméstica. No estudo, também se considera a questão das mulheres imigrantes que não podiam recorrer a alguns abrigos para mulheres vítimas de violência em Los Angeles porque tais instituições se recusavam a receber mulheres não proficientes em inglês. A pesquisadora ainda critica a lei que no passado obrigava a mulher imigrante a permanecer casada por dois anos antes de poder registrar o pedido de visto de estadia permanente no país, uma vez que, caso percebessem estar num relacionamento abusivo, tais vítimas se viam desassistidas pela lei e pelo estado durante aquele período de tempo.

Embora a abordagem de Crenshaw se direcione a mulheres negras imigrantes em situação diferente da de Ifemelu, percebemos que a assertiva de que a *interseccionalidade* é determinante nas experiências diaspóricas gendradas também se aplica à presente análise do romance de Adichie. Crenshaw ainda aponta que a *interseccionalidade* é um tema caro às políticas de identidade e defende que é necessário que haja uma intervenção grupal frente à violência contra as mulheres de cor para que se transforme a cultura de situações que as podem silenciar, ou seja, a prática da violência e da falta de assistência após fatos violentos. A partir do estudo da pesquisadora, percebe-se a necessidade de um entendimento e um acolhimento mais abrangente da mulher negra imigrante nos EUA, não só pelas suas comunidades, mas pelas autoridades, uma vez que a discriminação a elas, sendo estrutural, já permitiu que fossem sancionadas leis para estadia no país que colocavam suas vidas em risco, como a que citamos anteriormente.

É interessante observar que, numa narrativa onde temos o foco narrativo construído pelo olhar da mulher imigrante que num dado momento é vítima de abuso, vemos que a personagem não recorre à comunidade ou aos outros que a cercam para reagir ao seu trauma; na verdade, ela enfrenta sozinha a situação⁴ de abuso vivenciada com

4 Entendemos a dinâmica da situação com o professor de tênis como *abuso* a partir da definição do termo no dicionário Houaiss. Ali, é definido como “uso exagerado, injusto ou errado” (2015, p. 8). Ao entrar na residência do professor, Ifemelu se sente desconfortável e constrangida, mas apenas dentro da casa e do quarto dele é que percebe que se encontra numa situação de desvantagem de poder de decisão sobre o que, de fato, aceita fazer pelo dinheiro. Como o abuso envolve uma vantagem de poder a uma das partes e vemos que Ifemelu se encontra em desvantagem, mesmo tendo sido escolha dela adentrar a casa, entendemos que no quarto ocorre um abuso e uma sugestão de que ela faça mais do que lhe foi pedido anteriormente.

o professor de tênis, bem como seus desdobramentos. Após muitos dias de sofrimento e isolamento, cria o *blog* e começa a escrever (ou seja, começa a falar através do corpo) sobre a sua experiência migratória, logrando, nesse processo, uma espécie de cura pessoal e um norte no processo de se encontrar e tornar-se um novo *eu* transformado pela experiência diaspórica. A escrita, que emerge deste episódio traumático, termina por ser um fio condutor da sua vida, tanto enquanto permanece no espaço diaspórico, quanto quando do posterior retorno ao país de origem.

Diane E. Marting (2005) aponta que escrever o corpo é uma forma de metaforizar uma liberdade desejada. Ela percebe que escritoras como Clarice Lispector, Frida Kahlo (nos seus diários) e Delmira Agustine (nos seus poemas) orientam sua escrita dessa forma. Marting cita Butler (1999 *apud* MARTING 2005, pp. 280-281), comentando a virada que os estudos dessa causaram na teoria feminista, com a conceituação da performatividade de gênero, apontando que o sujeito aprende, através dos valores de uma cultura, a agir em conformidade com “seu” gênero – aquele que lhe foi designado ao nascer em consonância com determinado órgão sexual. Butler denuncia o binarismo de oposições como cultura/natureza, masculino/feminino, onde a distância entre os espectros nos faz valorizar indevidamente o masculino, historicamente reforçado como modelo ao redor do mundo. É interessante pensar na proposta de Butler quando falamos de “escrita de um corpo” porque é esse corpo que se escreve que recebe as inscrições culturais que precisam ser problematizadas e repensadas criticamente a partir de uma fluidez e de um escopo maior de compreensão quanto ao que seria, de fato, um corpo.

Marting (2005, p. 283) preocupa-se em sintetizar o que configura o discurso do corpo. Para ela, é impossível “escapar do discurso para falar do corpo em si mesmo”. A liberdade que as mulheres exercem no corpo que escrevem é transformada em discurso a partir de um outro corpo imaginado, no qual buscam alguma variação entre a liberdade e “as repetições do corpo normal” (*idem*). Marting, no entanto, reforça que, como feministas, devemos evitar o normal/norma ao máximo, para que outros corpos silenciados sejam ouvidos/lidos e nesse processo, aceitem-se diferentes sexualidades e pratique-se uma inclusão que autorize vozes diversas.

Neste contexto, pensamos sobre o discurso do corpo, o corpo que escreve e que projeta um *eu/corpo*

alternativo no qual a liberdade que se almeja já existe. O discurso do corpo de Ifemelu não fala sobre a experiência corpórea no que tange a sua experiência de corpo gendrado. Na escrita do *blog*, a personagem preocupa-se bastante com a discussão da raça, da situação racial dos imigrantes e das implicações políticas do racismo nos seus entornos. O seu corpo que fala, então, fala pelo seu grupo num discurso construído a partir da experiência social; não trata-se de um discurso marcado pelo viés da experiência subjetiva de Ifemelu no estrangeiro. O tom que a personagem adota, é também conversacional, inclusivo, sugestivo de opiniões e por vezes marcado por perguntas ao leitor. É um discurso centrado na crítica social, que se volta para o leitor na intenção de uma provocação, e um diálogo. O discurso então nasce no social e se volta para ele. No primeiro registro de *blog* que aparece no romance, Ifemelu versa em tom dialógico sobre uma discussão já aqui apresentada: a da *interseccionalidade*:

Entendendo a América para o Negro Não Americano: O tribalismo americano

Nos Estados Unidos, o tribalismo vai muito bem, obrigado. Existem quatro tipos: de classe, ideologia, religião e raça. Em primeiro lugar, vamos ao de classe. É bem fácil. Ele separa os ricos dos pobres.

Em segundo lugar, o de ideologia. Liberais e conservadores. (...) Em terceiro lugar, o de região. Entre Norte e Sul. (...) Finalmente, o de raça. Existe uma hierarquia de raça nos Estados Unidos. Os brancos estão sempre no topo, especificamente os brancos, de família anglo-saxã e protestante, conhecidos como WASPS, e os negros sempre estão no nível mais baixo, enquanto o que está no meio depende da época e do lugar (ADICHIE, 2014, p. 201).

É interessante observar que o caminho pelo qual o corpo de Ifemelu fala e escreve se apresenta através do que a protagonista considera urgente, pelo menos nos meios pelos quais transita no espaço transnacional. As particularidades desse corpo gendrado, estão inscritas na narrativa de maneira mais natural e até mesmo corriqueira, possivelmente, para reforçar que Ifemelu é uma personagem empoderada e disposta a desfiar noções pré-concebidas a respeito do seu gênero. É o que percebemos quando a voz narrativa discorre sobre como

foi para Ifemelu, ver sua mãe retornando da igreja depois de convertida ao cristianismo, cortando o cabelo, parando de usar brincos e joias, a filha não mais reconhecendo a “mulher virtuosa” (ADICHIE, 2014, p. 51) em que a mãe se transformara. Ifemelu, ainda criança, também demonstrava ter uma personalidade opiniosa e desafiadora no contexto da igreja (ibidem, p. 61). É dito que ela se apaixonou por Obinze na adolescência porque ele lhe fazia sentir uma “autoafeição” (ibidem, p. 69). E ainda sobre ela nessa idade, a voz narrativa afirma: “Gostava de si mesma como sendo alguém que dava trabalho, que era diferente, e às vezes encarava aquilo como uma carapaça que a mantinha segura” (idem). É fato que, da infância até a vida adulta, inúmeros são os momentos em que percebemos Ifemelu como dona de si, tomadora de suas próprias decisões e reivindicadora de igualdade dela em relação aos homens que a cercam. Apesar da experiência diaspórica mexer com suas concepções sobre raça, sua postura empoderada na esfera do gênero não é explicitamente afetada pela experiência diaspórica. Essa postura e essa crença sobre suas capacidades são elementos que a ajudam a superar situações difíceis, como o trauma com o professor de tênis.

No âmbito racial, o conflito de Ifemelu também está bastante ligado ao contexto do corpo: principalmente no que diz respeito a sua relação com o próprio cabelo quando na diáspora. A sua longa luta para ser aceita e aceitar a si mesma (luta esta metaforizada pela sua relação com o cabelo) naquele novo contexto e cultura perpassa diversos momentos da narrativa, além das cenas no salão de tranças africanas onde trança seu cabelo por longas horas, mostrando que o processo de reconhecimento do seu corpo na diáspora foi também deveras longo.

Quando começou a fazer uso de produtos químicos alisantes, o cabelo de Ifemelu começou a cair na altura das têmporas. Sua amiga Wambui lhe alertou que eram os produtos químicos e que precisava cortar todo o cabelo e deixá-lo crescer naturalmente. A amiga argumentou:

“Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. (...) Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortar agora mesmo. Não precisa pensar muito.”

(...) Wambui cortou seu cabelo deixando apenas dois dedos, as pontas que haviam crescido desde que ela o relaxara da última vez. Ifemelu olhou no espelho. Ela estava com os olhos enormes e uma cabeça enorme. Na melhor das hipóteses, parecia um menino; na pior, um inseto. (ADICHIE, 2014, P. 226)

Ifemelu sofreu até se aceitar com o cabelo curto e natural naquele espaço onde era pressionada a seguir padrões anteriormente não impostos a ela e seu cabelo natural no país de origem. No próprio salão de tranças africanas, Aisha, a cabeleireira, a questiona sobre o porquê de não alisar o cabelo (ADICHIE, 2014, p. 19). Num outro momento, tia Uju comunica a ela que vai desfazer suas tranças para uma entrevista de emprego, já que nos EUA, as pessoas não consideram profissional ter o cabelo trançado (ibidem, p. 130). No episódio acima citado, ela mesma tenta alisar o cabelo para conseguir um emprego, o que machuca seu couro cabeludo e lhe dá quelóides (ibidem, p. 222) fazendo com que seja posteriormente forçada a cortar todo o cabelo bem curto (ibidem, p. 226), para dar chance ao cabelo de recuperar-se do dano. O corte curto do cabelo e o dano causado ao couro cabeludo são também traumas do estrangeiro vividos no corpo da personagem. Ifemelu leva tempo até recuperar sua personalidade e autoconfiança tão naturais que sempre cultivara sem a necessidade da afirmação estética de um padrão para os cabelos, que os EUA pareciam lhe impor.

A narrativa sobre Ifemelu e seu cabelo é praticamente uma narrativa paralela à de Ifemelu nos Estados Unidos. Algumas epifanias que lhe revelam nuances da sua experiência racializada, acontecem a partir deste lugar desconfortável onde ela se encontra, com aquele cabelo e a novidade do impacto que sua raça tem na diáspora. Nesses momentos, Ifemelu busca reconhecer a si própria. Eles são frequentes na narrativa e as discussões e reflexões de cunho racial perpassam toda a sua trajetória, todos os momentos que vive no estrangeiro mostrando o tema da raça como o mais presente e conflitante na sua vivência diaspórica. A raça é também um assunto que ela discute frequentemente na universidade, nos relacionamentos, nos encontros com amigos, e que, como afirmamos anteriormente, desenvolve mais profundamente no *blog*.

A repetição e constante afirmação desse tema

através das movências da personagem revelam uma escolha ficcional importante que reforça o que Marting – anteriormente citada – afirma sobre a escrita do corpo como uma metáfora de uma liberdade almejada. Ao escrever esse corpo em conflito e em processo de construção dum novo *eu*, a liberdade que Ifemelu almeja se configura a partir da insubmissão ao padrão do cabelo dos brancos. Essa atitude que se afirma através do seu corpo, é somada a uma história pessoal de insubmissão e questionamento sobre as expectativas de gênero. A liberdade que deseja para o contexto social é a que pratica, questionando as atitudes racistas nos seus *posts de blog*, discutindo com seus amigos sobre a questão da raça, se juntando a jovens universitários que reconhecem a necessidade de discussões acerca da raça nos EUA.

Num jantar com os amigos de Blaine (namorado afro-americano de Ifemelu), ela desabafa sobre a experiência da raça na diáspora, em resposta a uma poeta haitiana que afirma que tinha namorado um branco, situação na qual a raça *nunca fora um problema*. Ifemelu responde:

“O único motivo pelo qual você diz que a raça nunca foi um problema é porque não queria que fosse. Nós todos queríamos que não fosse. Mas isso é uma mentira. Eu sou de um país onde a raça não é um problema; eu não pensava em mim mesma como negra e só me tornei negra quando vim para os Estados Unidos. Quando você é negro nos Estados Unidos e se apaixona por uma pessoa branca, a raça não importa quando vocês estão juntos sem mais ninguém por perto, porque então é só você e seu amor. Mas no minuto em que põe o pé na rua, a raça importa. Mas nós não falamos sobre isso. (...) Deixamos que se acumule dentro da nossa cabeça, e quando vamos a jantares como este, dizemos que a raça não importa porque é isso que se espera que digamos, para manter nossos amigos liberais e legais confortáveis. É verdade. Estou falando porque já vivi isso” (ADICHIE, 2014, p. 315, aspas da autora)

A fala de Ifemelu sintetiza a sensação e compreensão dela sobre o tema ‘raça’ no território estrangeiro. A novidade de que a raça na diáspora tem papel fundamental em tudo o que o sujeito realiza e almeja é uma situação incômoda e desestabilizadora. O

conflito da personagem reflete o conflito de todos nós que identificamos nossas características na produção da outridade, e mesmo assim pretendemos viver em países aparentemente mais progressistas e, se possível, num mundo mais progressista.

Já ao considerar o gênero na diáspora, é importante pensar também nas implicações de gênero que a própria existência de uma narrativa como *Americanah* traz à tona: uma narrativa de uma autora africana, pós-colonial, mulher e declaradamente feminista. Elleke Boehmer (2005) reconhece que as mulheres pós-coloniais do terceiro mundo não só discutem sua própria identidade através da narrativa, mas, de maneira autônoma, escrevem (e inscrevem) o seu lugar na nação pós-colonial.

Já Olubukola Karik-Namiji, professora da Federal University of Dutse, na Nigéria, traz um contraponto interessante à essa visão da mulher escritora se inscrevendo no mundo pós-colonial. Para Karik-Namiji (2016), “a mulher africana como escritora não vê o homem como indispensável, preferivelmente, ela vê aos dois sexos como mutuamente interdependentes⁵” (p. 21). Ao aproximar ambas proposições, podemos entender que interessa à escritora africana pós-colonial inscrever a si própria na diáspora, mas também inscrever ao homem africano, pensando nessas subjetividades como interdependentes, considerando também a sua experiência como parte da experiência coletiva dos africanos diaspóricos.

Karik-Namiji observa que historicamente escritoras africanas recusaram o rótulo de feministas por causa da intimidação que sofriam por parte dos homens ao discutir questões de gênero. Elas discutiam essas questões em sua literatura, mas não se identificavam como feministas. Nas narrativas, não se rejeitava o casamento ou o homem. Nelas, também se escrevia com uma preocupação quanto ao âmbito coletivo, que mereceria, de acordo com essa visão, estar acima do nível individual, o que divergiria da ideologia que o feminismo, de acordo com algumas teóricas, adota. É importante, contudo, observar-se que há, sim, um feminismo africano, o *womanism*, que “está preocupado em promover uma ideologia feminista culturalmente aceitável na África⁶” (ibidem, p. 22).

5 The African woman writer does not view the man as indispensable, rather, they view the two sexes as mutually interdependent.

6 Is concerned with promoting a culturally acceptable feminist ideology in Africa.

A pesquisadora ainda aponta que “as escritoras africanas, como suas equivalentes no ocidente, pretendem reescrever a história da literatura reconhecendo a contribuição das mulheres. Elas também buscam desafiar a língua da dominação masculina⁷” (ibidem, p. 19). Corrigir a representação da mulher na literatura, reescrever a história literária, reinventar a língua que se utiliza de padrões patriarcais; todos esses ideais de fato se alinham com o que vemos na produção de literatura de autoria feminina no ocidente. É importante notar que essas reconstruções, essas ressignificações que partem da literatura das mulheres africanas também trazem o homem, ressignificado ou não, representando-o como necessitado de mudança, ou representando-o transformado.

Apesar do tratado de Karik-Namiji se referir a narrativas que se dão em solo africano, como é o caso das narrativas escritas pelas autoras que ela cita – Flora Nwapa, Buchi Emecheta, Ama Ata Aidoo, Bessie Head e Mariama Ba –, percebemos a mesma tendência de não negligenciar a experiência masculina em *Americanah*, ao mesmo tempo em que o lugar da mulher africana na diáspora é escrito e ressignificado de forma central.

Adichie discute a questão do gênero de maneira bastante didática e descontraída na sua palestra do TED Talks editada em livro, *Sejamos todos feministas*. Numa de suas afirmações bem-humoradas sobre o feminismo e o ser africana, a autora pontua:

De qualquer forma, já que o feminismo era antiafricano, resolvi me considerar “feminista feliz e africana”. Depois, uma grande amiga me disse que, se eu era feminista, então devia odiar os homens. Decidi me tornar uma “feminista feliz e africana que não odeia os homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma e não para os homens” (ADICHIE, 2015, p. 14).

O posicionamento que Adichie comunica nesta palestra parece iluminar e dialoga sua escolha de trazer para a narrativa em tela não só a inscrição de Ifemelu no mundo pós-colonial, mas também a experiência de Obinze como homem africano, imigrante e pós-colonial. O não ódio aos homens e a compreensão de que eles

7 The female African writers, like their western counterpart seek to re-write the literary history acknowledging the contribution by women. They also seek to challenge the domination of language by men (...).

também deveriam ser feministas, mostra a intenção de Adichie de escrever sobre um mundo em que haja menos discriminação baseada no gênero, menos binarismos de toda a sorte.

Há diversas marcas no texto que denotam que o gênero é um importante marcador na experiência pós-colonial/diaspórica. Não é à toa que Ifemelu mente para Aisha, a cabeleireira, dizendo: “‘Também vou voltar para a Nigéria para ver meu homem’ (...) *Meu homem*. Como era fácil mentir para estranhos, criar para eles a versão da nossa vida como a imaginamos” (ADICHIE, 2014, p. 25, grifo da autora). Vê-se nesse contexto, que na africanidade compartilhada por elas, Ifemelu reconhece a expectativa que existe sobre o seu gênero: de que tenha um homem, seja fiel a ele e se case.

Outro exemplo dos padrões nigerianos pensados para a mulher fica claro no momento em que Kosi, esposa de Obinze, decide demitir a nova empregada por encontrar um pacote de preservativos entre suas coisas. A empregada lhe confessa que fora forçada a ter relações sexuais com seu último patrão e pretendia se proteger, caso aquilo acontecesse novamente. Kosi se choca quando Obinze demonstra não concordar com a demissão em consequência dessa descoberta. Também aprendemos nesse trecho, que ela de certa forma, espera/consente com a possibilidade de que Obinze a traia, e age para “minimizar suas chances de fazê-lo” (ibidem, p. 43).

A insegurança de Kosi, tão grande e tão comum, o silenciou. Ela estava preocupada com uma empregada a quem jamais ocorreria a Obinze seduzir. Lagos podia fazer isso com uma mulher casada com um homem jovem e rico; ele sabia o quanto era fácil entrar numa paranóia sobre domésticas, secretárias, as *Moças de Lagos*, aqueles monstros sofisticados e glamorosos que engoliam maridos sem mastigar, enfiando-os em sua garganta coberta de joias. Ainda assim, ele queria que Kosi temesse menos, fosse menos conformada a esse papel (ibidem, p. 42, grifo da autora).

Vemos então no trecho apresentado, tanto as expectativas de gênero sobre a mulher africana como sobre o homem. É socialmente aceitável que o homem casado seja infiel, desde que a sua esposa não saiba. Espera-se que a mulher heterossexual de classe média-alta

seja insegura e apegada à estabilidade financeira. O fato de Obinze não gostar da insegurança de Kosi e desejar que ela fosse diferente o mostra também como não conformado com o padrão socialmente convencionado; assim como Ifemelu, não se conforma com o padrão da expectativa de que se case. Conclui-se, assim, que os dois destoam das expectativas, pelo menos das de gênero, de seus grupos. Portanto, pouco importa se a empregada doméstica seria ou não obrigada a fazer sexo com o patrão, e sim, o que Kosi observa é o fato de ser exposta a essa possibilidade pela presença de preservativos na sacola da jovem.

Há também certa ênfase nos padrões religiosos que modelam o que a sociedade nigeriana cristã espera das mulheres. Kosi participava de um serviço religioso que se chama “Segure Seu Marido” (ADICHIE, 2014, p. 43); já a mãe de Ifemelu, quando se converteu ao protestantismo, transformou-se de maneira visível, de acordo com Ifemelu e conforme mencionamos anteriormente. Ela “começou a deixar o cabelo crescer de novo, mas parou de usar colares e brincos porque as joias, de acordo com o pastor da Fonte de Milagres, não eram de Deus nem eram apropriadas para uma mulher virtuosa” (ibidem, p. 51). Se considerarmos a *mulher virtuosa* como um mito religioso, nas mesmas linhas em que Adesanmi pensa o bom ioruba⁸, podemos ver o inalcançável padrão estabelecido para a mulher (e, importante frisar, não para o homem) dentro da religião: “Aqueles que produzem outridade sempre se sentem compelidos a fabricar e reconhecer a rara excessão, que é então desligada da sua fonte e hasteada como um troféu num pedestal⁹” (ADESANMI, 2011, p. 232). A outridade da mulher, fabricada com base nas escrituras, a transforma numa expectativa de ser a exceção, expectativa essa que supera o desejo de ser livre, o que vemos com o exemplo da mãe de Ifemelu, que se preocupa tanto com as opiniões alheias que desenha toda a sua vida a partir das expectativas que a igreja lhe coloca.

Já Obinze vive sob a pressão da expectativa de ser popular com as mulheres. Ele percebe que Nigel, seu colega de trabalho com quem vai fazer a montagem das cozinhas em Londres, cede a essa opressão. Nigel mente sobre relações com uma garota com quem não transou

8 Grupo étnico-linguístico da África Ocidental, presente na Nigéria.

9 Those who produce otherness always feel compelled to manufacture and acknowledge the rare exception, who is then severed from his source and hoisted as a trophy on a pedestal.

para os colegas de trabalho, para impressioná-los ou pelo menos não ser importunado. Um dia, confessa isso a Obinze e pede um conselho a ele, perguntando o que deveria dizer a Haley, a garota por quem é apaixonado. Obinze responde:

“Diga que gosta dela, só isso”, disse Obinze, pensando em como Nigel, quando estava no depósito com os outros homens, agia como eles, contribuindo com histórias sobre como trepava com Haley e, certa vez, sobre como trepara com a amiga dela quando Haley estava viajando. “Sem joguinhos, sem cantadas. Só diga: olha, eu gosto de você e te acho linda” (ADICHIE, 2014, p. 276, aspas da autora).

As personagens centrais de *Americanah*, suas inscrições no espaço pós-colonial e suas experiências gendradas nos contam, conversam conosco sobre a questão de gênero, sobre a qual temos tanta dificuldade de conversar, como nos lembra Adichie na epígrafe no começo desse artigo. As nuances dos modos como reagem a essas expectativas, como escolhem ser suas próprias pessoas, nos mostram um vislumbre de possibilidade de mudanças do *status quo* através dessa e outras narrativas que carregam visões alternativas e que buscam representar, na diegese, um mundo com mais igualdade entre os indivíduos, onde mulheres e homens sejam críticos agentes de resistência contra as opressões de gênero.

Considerações Finais

Observamos aqui que, embora a narrativa de *Americanah* se debruce mais longamente sobre a temática da raça, fato inclusive anunciado em seu título, o gênero e, logo, o corpo, estão postos na diáspora como elementos construtores da subjetividade de Ifemelu, personagem esta que vem a se tornar uma *americanah*. O corpo não só fala através da ação da protagonista, mas de fato fala de dentro da ficção, na forma da escrita do corpo ficcional, materializada nas postagens do *blog*. Aprendemos também sobre esse corpo através da escrita dele que vislumbra uma espécie de liberdade, principalmente do que tange as pré-concepções estadunidenses acerca da raça. O corpo de Ifemelu, que nos escreve nos trechos destacados do

blog produzido pela personagem, é um corpo vestido de criatividade, ironia, um corpo munido de linguagem, leituras e experiências que lhe propiciam olhar para a experiência no estrangeiro de um ponto de vista crítico que se opõe ao lugar-comum do deslumbre com a cultura do país economicamente abastado ou “desenvolvido”, num movimento que desconsidera a cultura própria como referencial e elemento significador.

A experiência migratória de Ifemelu está posta como discurso também através do corpo para nos mostrar mais uma perspectiva, mais uma voz, mais um corpo que escreve a partir da plural experiência dos africanos imigrantes, que ocupam espaços transnacionais de conflito cultural, ressignificação de culturas e dos *eus* também plurais que nos falam de dentro dos mais variados corpos ficcionais e ficcionalizados.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda N. **Americanah**. 1. ed. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALMEIDA, Sandra R. G. **Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

BOEHMER, Elleke. *Beside the west: postcolonial women writers in a transnational frame*. In: BOEHMER, Elleke. **Stories of women: gender and narrative in the postcolonial nation**. Manchester: Manchester University Press, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. *Intersectionality and identity politics: Learning from violence against women of color*. IN: KOLMAR, Wendy k.; BARTKOWSKI, Frances. **Feminist theory: A reader**. 2a ed. New York: McGraw-Hill, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2015.

KARIK-NAMIJI, Olubukola. Feminism and intra-gender relations in Africa: a theoretical and conceptual framework. **International Journal of Language, Literature and Gender Studies (LALIGENS)**: South Africa, v. 5 (1), n. 11. Ethiopia, Fevereiro 2016. p. 13 – 25. Disponível em: <<http://www.ajol.info/index.php/laligens/article/view/130206>>. Acesso em 30 de Jan, 2017.

MARTING, Diane E. Os corpos, as sexualidades, as culturas. IN: MOREIRA, Nadilza M. de B.; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.). **Mulheres no mundo**: Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, Idéia, 2005.

Data de recebimento: 30/10/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.